

DONA IVONE LARA

Por Pedro Paulo Malta

Dona Ivone Lara nasceu Yvonne da Silva Lara, em 13 de abril de 1921, na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Ao programa Ensaio, da TV Cultura, disse que sua família era “uma mistura danada. Por parte de pai, tinha espanhol, francês e crioulo, igual a mim. Já por parte de mãe, já viu, né? Era Moçambique, português e Angola”. Simplificando, Yvonne foi a primeira filha da união entre a costureira Emerentina Bento da Silva e José da Silva Lara, mecânico de bicicletas. Paralelamente ao trabalho, ambos tinham intensa vida musical: ele era violonista de sete cordas e desfilava no Bloco dos Africanos; ela era ótima cantora e emprestava sua voz de soprano a ranchos carnavalescos tradicionais do Rio de Janeiro, como o Flor do Abacate e o Ameno Resedá – nos quais Seu José também se apresentava.

Surgidos no fim do século XIX, os ranchos carnavalescos podem ser considerados uma das origens das escolas de samba. Nasceram dos cordões, mas trazendo algumas novidades: além dos instrumentos de percussão (com que os cordões desfilavam), os ranchos traziam violões, cavaquinhos, flautas e clarinetes. Além disso, admitia-se a presença de mulheres nos ranchos, ao contrário dos cordões, nos quais a massa de foliões era quase toda composta por homens – dos quais se esperava uma atitude rebelde. O primeiro rancho de que se tem notícia, chamado Reis de Ouro, desfilou pela primeira vez no Dia de Reis (6 de janeiro) de 1894. Seu principal fundador foi o tenente da Guarda Nacional Hilário Jovino Ferreira, baiano morador do bairro da Saúde, que criou o Reis de Ouro no Bar Paraíso, que ficava na Rua Larga de São Joaquim (Avenida Marechal Floriano) entre as ruas da Imperatriz (atual Camerino) e do Regente (Regente Feijó).

Os ranchos passaram a desfilar pela Avenida Rio



Branco na segunda-feira de carnaval, dia seguinte ao desfile das grandes sociedades (Fenianos, Tenentes do Diabo e Democráticos, entre outras), formadas na maioria por gente de dinheiro. Já os ranchos caíram no gosto das classes operárias e começaram a se proliferar pela cidade, geralmente com nomes de flor: Mimosas Cravinas, Papoula do Japão, Corbeille de Flores, Flor do Tinhorão, Kananga do Japão, Flor do Abacate, Ameno Resedá... Seu José e Dona Emerentina saíam com mais frequência no Flor do Abacate, mas foi num desfile do Ameno Resedá que se conheceram. Ambos tinham suas sedes localizadas no Catete, que, naquela primeira metade do século XX, era um dos bairros mais carnavalescos da Zona Sul carioca, ao lado de Botafogo e Laranjeiras.

Autora do livro *Nasci pra Sonhar e Cantar – Dona Ivone Lara: a Mulher no Samba*, a jornalista Mila Burns destaca que nossa personagem foi “a primeira filha de um casal unido pela música”, cujo namoro começou ao som de maxixes e marchas-rancho (gêneros musicais predominantes nos desfiles de ranchos). Para cuidar da pequena Yvonne, Emerentina contava com a ajuda de sua irmã mais velha, Maria de Souza, que não tinha filhos e dispunha de recursos para contribuir com o sustento da sobrinha. Quando estava grávida da segunda filha (que seria batizada Elza), Emerentina ficou viúva. Nenhuma fonte de pesquisa cita a *causa mortis* de José da Silva Lara, mas sabe-se que faleceu aos 27 anos (1925), quando Yvonne tinha apenas 4 anos – motivo pelo qual não guarda lembranças do pai ou de sua morte. Alguns anos depois, Emerentina casou-se com Venino José da Silva, que assumiu as meninas Yvonne e Elza e com quem teve mais dois filhos: Nilo e Valdir.

Como a casa ficou pequena para o casal mais quatro filhos, mudaram-se para uma casa de vila na Rua Industrial, no Largo da Segunda-Feira (Tijuca). Ali perto, na Rua São Francisco Xavier, ficava o Colégio Municipal Orsina da Fonseca, onde Yvonne foi matriculada aos 10 anos de idade e de onde só sairia definitivamente ao atingir a maioridade. No livro de Mila Burns, lemos que a escola – na verdade, um internato gratuito mantido pela Prefeitura do Distrito Federal (PDF) – era “bastante conhecido na cidade pelo rigor e pelos bons ensinamentos que transmitia às internas. Tinha inspetoras famosas pela severidade, mas também tinha professoras com uma formação educacional de qualidade, admiradas, inclusive, pelas classes mais altas”. O regime de aulas era integral, com atividades extracurriculares esportivas e culturais. Yvonne entrava na segunda-feira de manhã e só saía nos fins de semana, a cada 15 dias, para visitar a família.

Quando perguntada sobre as músicas que ouvia na infância (no programa Ensaio, da TV Cultura), Dona Ivone cita dois grandes sucessos de Francisco Alves que estiveram no rádio: a marchinha *Dá Nela* (Ary Barroso, 1930) e o samba *É Bom Parar* (Noel Rosa e Rubens Soares, 1936). Já sobre os primeiros carnavais de que se lembra, ela conta – no livro *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, de Sérgio Cabral – que foram brincados “perto do Largo da Segunda-Feira”, com os primos Valentino, Hédio e Antonio (conhecido como Fuleiro), que eram filhos de sua tia Teresa e moravam perto dali, no Andaraí. “A gente saía da Rua Industrial até a Praça Saens Peña. Quase sempre era eu que ia na frente, pedindo dinheiro de casa em casa”, conta Dona Ivone. “Não era um bloco muito organizado. Os homens se vestiam de mulher e as mulheres de homem. O pessoal lá de casa saía de cigano. Eu era a graça do grupo. Sambava muito bem e sabia dar aqueles passos que vovó me ensinou.”

Em depoimento transcrito no livro de Mila Burns, Dona Ivone diz que foi no Colégio Municipal Orsina da Fonseca que aprendeu a jogar vôlei e a cantar. “No colégio havia um orfeão, espécie de coral com as vozes mais afinadas” que “fazia apresentações com certa frequência no colégio, mas também fora dele, em festas e eventos da cidade. Yvonne tinha uma das melhores vozes do orfeão, e confessa que seu maior orgulho era ser aluna de ‘Dona’ Lucília”. Trata-se de Lucília Villa-Lobos, esposa do maestro Heitor

Villa-Lobos, maestrina no orfeão e professora de canto orfeônico do colégio. Com ela e com a grande cantora Zaira de Oliveira – primeira esposa do sambista Donga, vencedora do concurso da Escola de Música em 1921 e integrante, juntamente com Bidu Sayão, do Coral Brasileiro – aprendeu as primeiras noções de harmonia e teoria musical. “Em casa, a gente sempre ouviu muito rádio e eu me lembro bem de canções de Noel Rosa e outros compositores da época”, conta Dona Ivone, no livro de Mila Burns. “Mas acho que o gosto pela música, de verdade, começou ali mesmo, no colégio interno. Eis o motivo: tínhamos aulas e, apesar de só cantarmos hinos cívicos, aquilo mexia com a gente.”

Destacando-se entre as cantoras da escola, foi indicada para integrar o Orfeão dos Apinacás, da Rádio Tupi, cujo regente era o próprio maestro Heitor Villa-Lobos, grande incentivador do ensino de canto orfeônico no Brasil, e que, por ocasião de festas cívicas, juntava coros de diversas escolas e realizava grandes cantorias. No repertório, composições de Villa-Lobos como *O Canto do Pajé* e *A Lavadeira*, que a jovem Yvonne cantou sob a batuta do maestro. “Na apresentação de *A Lavadeira*, eu tinha meus 13 anos (1934) e me lembro de que fui destacada para ser a *crooner*. No orfeão artístico estavam crianças de outras escolas, como o Instituto de Educação, o Amaro Cavalcante, Bento Ribeiro, João Alfredo... E a escolhida para cantar o solo d’*A Lavadeira* fui eu. Todo mundo cantando num tom bem baixo e lá fui eu, com a minha voz.”

Passou a pensar em música o tempo todo, o dia inteiro. Até nos momentos de descanso, quando ia visitar a família quinzenalmente. Da imersão musical começaram a surgir as primeiras melodias e rascunhos de composições. “Não gosto de letra, não. Deixo isso para os meus parceiros, acho letra uma coisa muito chata, que só deve fazer quem sabe mesmo. Só faço se não tiver jeito. Meu negócio é mesmo a melodia. E ela pode aparecer assim, de repente. Enquanto eu estou dormindo, caminhando, até mesmo enquanto a gente conversa.”

Primeiro samba

É do início deste período de imersão musical o primeiro samba que Dona Ivone se lembra de ter composto, aos 12 anos (1933), numa história que nem sempre é contada da mesma forma. Na maioria das vezes, ela conta que vivia pedindo uma boneca aos familiares, mas a boneca não vinha. “Éramos pobres de *marré deci*. Dinheiro para comprar boneca, nem pensar...”, contou ao programa *Ensaio*, da TV Cultura, lembrando o dia em que se inspirou com a imagem do tiê-sangue. “Eu era muito moleca, não tinha boneca, não tinha nada disso. Então, eu tinha meu primo Fuleiro, que eu amava. Era um irmão que eu tinha na época. Todas as vontades ele me fazia. E caçava muito passarinho. Uma vez ele saiu e, quando voltou, trouxe um tiê-sangue. Botou numa gaiola e disse assim: ‘Ô, prima! Vona!’ Era como ele me chamava. ‘Olha a tua boneca...’ Ih, eu fiquei numa alegria, que só vendo. Dali eu comecei a fazer versinhos pro tiê.” História um pouco diferente – mas não excludente – foi a que contou a Mila Burns: “Estava em casa com meus primos mais velhos, Hélió e o irmão dele, Fuleiro. A gente viu um passarinho no quintal. Começamos a brincar com ele e, cantarolando, fizemos a música. Assim, só de brincadeira mesmo”.

Em entrevista publicada por Sérgio Cabral no livro *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, Dona Ivone Lara conta que *Tiê Tiê* foi feito quando “já era mais grandinha” e que o primeiro samba, feito aos 12 anos, na verdade era outro, também sobre passarinho. Dizia assim: “Quando ouço falar do juriti / Eu fico triste a pensar / O meu pobre passarinho voou / E não sei onde ele pousou”. Na mesma entrevista, Dona Ivone confirma a história da boneca que deu no samba *Tiê Tiê*: “Nunca tive boneca para brincar.

Minha boneca era um passarinho que a gente tinha lá em casa. Fuleiro, meu primo, ainda era rapazinho. Também tinha um primo que trabalhava na estiva, outro que era lustrador e todos nós saíamos juntos no carnaval. *Tiê Tiê* era a música de todos os carnavais. Era o nosso samba-enredo: ‘Tiê tiê / Oia lá oxá’. Esse ‘oia lá oxá’ era um dialeto que minha avó usava para advertir a gente. Ela era baiana e falava um português errado que só vendo. ‘Oia lá oxá!’, ela gritava toda vez que queria nos repreender. Muitas vezes fui repreendida porque estava brincando com o tiê. Por isso, fiz o samba que a gente cantava sempre”.

Ou seja, mesmo com os hinos que cantava no internato (ambiente definido por ela como decisivo para sua paixão pela música), no fim das contas o primeiro gênero que compôs foi mesmo o samba, que era o que ouvia no ambiente – também musical – de sua casa. Acostumou-se a viver entre dois mundos tão diferentes (a casa e o internato), mas sempre tendo a música como elemento de mediação entre os dois lados. Em depoimento, Dona Ivone falou da importância dos dois ambientes na sua paixão pela música: “Eu já era apaixonada por música, pois fui criada no meio de música. Mas a experiência do canto orfeônico fortaleceu essa paixão. E me fez ser disciplinada, me ensinou a ter um sentimento musical, a apreciar uma bela melodia, uma harmonia bonita...”.

Também aos 12 anos – mesma idade da primeira composição – Yvonne perdeu a mãe, que faleceu aos 33 anos, fulminada por um infarto. Com o falecimento de Emerentina (1933), Yvonne passou a ter como destino, nos fins de semana em que descansava do internato, a casa de tia Maria, que se tornou responsável pelos quatro filhos da irmã falecida. Mesmo assim, lemos em *Nasci pra Sonhar e Cantar – Dona Ivone Lara: a Mulher no Samba*: “Fiquei emancipada por minha conta mesmo. Minha mãe morreu, ninguém ficou tomando conta de mim. Com a idade de 12 anos, eu que resolvia tudo, me guiava. Vou dizer uma coisa: foi muito bom, porque me fez ser como sou hoje. Tudo o que fiz a partir daí foi por decisão própria. Eu que resolvi o meu caso como quis”. De qualquer maneira, o fato de passar a maior parte de seu tempo no Colégio Municipal Orsina da Fonseca foi fundamental para que Yvonne superasse a condição que teve que enfrentar naquele momento: em pleno Brasil dos anos 1930, era uma menina negra de 12 anos, pobre e órfã de pai e mãe.

Madureira

Ao assumir os quatro filhos de Emerentina, Maria se mudou para o bairro de Madureira, onde passou a viver numa casa maior. Já Yvonne, sempre que vinha visitar a família, passou a encontrar um ambiente ainda mais propício a seu desenvolvimento musical, no meio das festas em que primos e vizinhos costumavam se reunir – fossem bailes, ladainhas ou blocos como o de Seu Zacarias, figura importante no bairro (chamava-se Francisco Zacarias de Oliveira e era pai de Eulália, Sebastião Molequinho, João Gradim e Tia Maria da Grota, entre outros fundadores do Império Serrano).

E tinha também o jongo, que, diferentemente dos tempos de hoje, era um ritmo vetado para crianças – proibição que vigorou até o fim do século XX –, pois naquela época se tratava de um ritual carregado de aspectos místicos e religiosos, com pontos e feitiços que eram não só incompreendidos pelas crianças, como também eram considerados perigosos para elas. Embora frequentemente colocados na mesma árvore genealógica, a principal relação entre samba e jongo é o fato de ambos serem gêneros musicais nascidos no Brasil de matrizes africanas. As diferenças entre os dois gêneros não são desprezíveis, a começar pelas rítmicas: o samba tem ritmo em 2 por 4; no jongo o ritmo é 6 por 8. No samba, os instrumentos de harmonia sempre fizeram parte da

instrumentação básica, enquanto no jongo, originalmente, só eram permitidos tambores como a angoma puíta, o tambu, o caxambu e o candongueiro. O jongo tinha uma dimensão religiosa que muitas vezes não fazia parte das rodas de samba.

Em depoimento dado em 2004, Dona Ivone fala sobre a relação (ou a falta de relação) entre jongo e samba: “Nada a ver uma coisa com a outra. Jongo era jongo, samba era samba. O jongo que havia por lá era o de Seu Manoel, na Congonha. Na Serrinha não tinha jongo. E as pessoas que eram de jongo iam lá, como minha tia Teresa, a Maria Joana Rezadeira... Depois, com o Darcy, que conhecia os fundamentos aprendidos com a mãe, é que as crianças entraram no jongo. Mas aí já é um jongo estilizado, que tem até cavaquinho! Jongo verdadeiro não era assim. Minha tia saía do Rio para dançar jongo em Valença, de pé no chão. Era uma coisa muito séria, que tinha uma afinidade enorme com o espiritismo. Era sagrado. Criança não podia se meter. Além do mais, meu caso era samba. Jongo era coisa de velho (rindo)”.

Semelhanças e divergências à parte, o fato é que a menina Yvonne nunca pôde frequentar ambientes de jongo. Mesmo assim, se lembrava com clareza de que sua tia Teresa, irmã de D. Emerentina e exímia jongueira, praticou a dança do jongo até morrer, aos 119 anos de idade. No mesmo depoimento, Dona Ivone se lembra da tia fazendo angu para a família toda (“Era o que pobre podia comer!”), com a mesma colher de pau com que disciplinava a criançada, sempre que necessário. Das histórias contadas por tia Teresa, muitas tinham como protagonista o Marechal Deodoro da Fonseca, líder da Proclamação da República e primeiro presidente do Brasil, para quem trabalhou como empregada doméstica.

Foi tia Teresa a primeira da família de Yvonne a se mudar (do Andaraí) para as imediações de Madureira, com os filhos. Segundo Rachel e Suetônio Valença, no livro *Serra, Serrinha, Serrano*, a chegada da família na Serrinha se deu em 1926. Naquela época, o carnaval na Serrinha, comunidade localizada na grande Madureira – mas que na verdade fica no bairro de Vaz Lobo –, era festejado em blocos como o Primeiro Nós, o Bloco da Lua, o Dois Jacarés, o Três Jacarés e o Cabelo de Mana. Todos os blocos citados eram “de família”, diferentes dos blocos de arruaça, formados somente por homens que, embriagados, não poupavam nada que vissem pela frente, como nos velhos tempos do entrudo.

Dona Ivone conta que, quando se mudou do Largo da Segunda-Feira para Madureira, já encontrou os primos fazendo parte de uma escola de samba chamada Rainha das Pretas, pois a Prazer da Serrinha só viria depois, como uma continuação do bloco Cabelo de Mana. Segundo o livro de Sérgio Cabral (*As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*), o carnaval de 1935 foi o primeiro em que o desfile das escolas de samba, na Praça Onze, contou com a participação da Prazer da Serrinha. Seu fundador e presidente, o mineiro Alfredo Costa, mulato forte que usava um bigodinho, era um dos grandes festeiros da Serrinha. Guarda-freios da Central do Brasil, mestre-sala, jongueiro e pai de santo respeitado, ganhou ainda mais projeção em 1939, quando foi eleito Cidadão Samba do Rio de Janeiro (eleito em votação popular promovida pelo jornal A Rua). Repetiu o feito de sua esposa, Dona Aracy, também jongueira, eleita Rainha do Samba em 1937 (em votação realizada pelo mesmo jornal).

Assistente de Nise da Silveira

Paralelamente ao ambiente de samba que encontrava em Madureira, nas visitas quinzenais que fazia à tia Maria, Yvonne seguiu estudando no Colégio Orsina da Fonseca até a maioridade. Ao deixar o internato (1939), foi morar com o tio Dionísio Bento da Silva, grande músico de choro, que também seria decisivo para o caminho musical

de Yvonne, agora já no fim da adolescência. No depoimento ao programa *Ensaio*, da TV Cultura, ela relembra o tio, cuja casa ficava na Rua Dona Emília, no bairro de Inhaúma: “Graças a Deus, sempre tivemos um ambiente musical. Tio Dionísio Bento da Silva era muito amigo de Pixinguinha, Jacob do Bandolim... Ele tocava trombone. Era chorão. De maneira que, quando chegava nos dias de ensaio, a gente assistia ao pessoal cantar, tocar. De vez em quando a gente também fazia parte. Cantava também. Aprendíamos a cantar. Principalmente quando ele estava compondo, ele fazia questão que nós aprendêssemos para ele não esquecer. Nós éramos o gravador dele”.

Nascido em 1892, Dionísio foi um músico importante da velha-guarda do choro. Além do trombone, também tocava violão de sete cordas e, ao lado de Pixinguinha e outros grandes chorões menos conhecidos como Liquide, Candinho (ambos trombonistas) e Eurico Batista, participou do conjunto Africanos de Vila Isabel. Trabalhava como motorista de ambulância da Prefeitura do Distrito Federal e faleceu em 1945, deixando como exemplar de sua obra de compositor *Dulcineia no Choro*, feito em homenagem a uma de suas filhas. “Cada um mostrava suas composições e nós ficávamos ouvindo. Eu prestava muita atenção, não perdia um detalhe dos arranjos, de nada”, relembra Dona Ivone em depoimento a Mila Burns, a quem disse também que o tio era compositor de marchas-rancho. “Ficávamos lá, todos juntos, eu e meus primos, vendo ele fazer as músicas. Ele ensinava a gente a cantar, educou muito o ouvido da gente, a gente cantava hinos, as marchas. Mas nenhum dos meus primos deu para músico.” Outro legado que Dionísio deixou para a música popular foi ter ensinado Yvonne a tocar cavaquinho – instrumento que a acompanharia por toda a carreira musical e com o qual faria suas composições.

Apesar do ambiente musical e do entusiasmo de Yvonne com a roda dos chorões, certo dia Dionísio chamou a sobrinha para uma conversa séria. Disse-lhe que, como eram pobres e ele não teria condições de custear a continuação de seus estudos, iria encaminhá-la à Fábrica Nova América de Tecidos, em Vila Isabel, onde um primo de Yvonne já estava empregado. Antes que o plano do tio se consumasse, ela leu no jornal o anúncio de um concurso para a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Como não queria ser operária, agarrou-se à primeira oportunidade que viu. “O curso de Enfermagem era o único de graça, então escolhi esse mesmo, não tive muita opção”, disse em depoimento à Mila Burns. “Meu tio repetiu que, se eu não passasse, faria qualquer outra coisa.” Yvonne passou em terceiro lugar – posição que ainda lhe deu direito a uma ajuda de custo de 90 mil-réis (“Muito dinheiro!”). “Eu dava tudo o que recebia para a minha tia, que comprava meus sapatos, e cobria as despesas da casa.”

Formou-se após quatro anos (1943) e, classificada entre as dez primeiras da turma, foi admitida pelo Ministério da Saúde, indo trabalhar no bloco médico-cirúrgico da Colônia Juliano Moreira, no bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio. De 1945 a 47, cursou faculdade de Serviço Social, e uma vez formada, foi admitida pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais e contratada pelo Hospital Gustavo Riedel, do Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, onde permaneceu até a aposentadoria, em 1977.

No livro de Mila Burns, ela conta sobre o dia a dia com os doentes psiquiátricos: “Era um trabalho ótimo, tratar de doente não é nem um pouco estressante. A doutora Nise da Silveira era minha supervisora no serviço social. Ela ainda não tinha fundado a Casa das Palmeiras, nem começado a fazer tratamentos tão revolucionários, mas já sabia que era importante avaliar a família dos pacientes. Minha função estava ligada a isto: eu fazia relatórios, falando do comportamento do doente em casa, com os parentes. Eram todos observados. Aprendi muito sobre as pessoas, com ela e com esse trabalho”. Idealizada pela Dra. Nise da Silveira em 1958, a Casa das Palmeiras é uma instituição de reabilitação psiquiátrica que funciona até hoje na Rua Sorocaba, em Botafogo.

Ainda sobre o trabalho com doentes psiquiátricos, Dona Ivone Lara contou que a experiência lhe fez constatar, na prática, o poder curativo da música: “Trabalhando com a Dra. Nise eu tive a oportunidade de descobrir muito músico doente mental, catatônico, esquizofrênico... Gente que não tinha qualquer contato com o mundo, mas que, quando via um instrumento, volta e meia contava uma história ligada à música: pertenci a tal banda, toquei em orquestra... Gente que tinha verdadeiro amor pela música. Todo aniversário do hospital tinha festa e os músicos éramos todos nós: enfermeiros e doentes. Uma coisa linda!”. Um dos doentes em particular ficou em sua memória: “Tinha o Ribamar, que era catatônico. Vivia lá, esquecido pela família, quase sem falar. Um dia, estávamos ouvindo uma outra doente tocar piano e comecei a cantar. Ele prestou atenção e ficou admirando... Até que me disse que era músico. Depois, vim a saber que tinha sido clarinetista da Orquestra Tabajara. E passou a tocar nas festas do hospital. Melhorou de um dia para o outro. Uma coisa impressionante! Fui à casa dele conversar com os familiares, que passaram a visitá-lo. E ele ficou curado. Dali a um tempo, saiu de lá bonzinho!”.

Casamento e Serrinha

Além do ambiente da casa do tio, sempre que possível frequentava os sambas e outras reuniões musicais na Serrinha. De tanto frequentar os pagodes da casa de Alfredo Costa, engatou um namoro com seu filho, Oscar, com quem se casaria em 1947, passando a morar “colada, parede-meia” com a sede da Prazer da Serrinha, que funcionava na casa dos sogros. Embora Dona Ivone sempre tenha dito que o marido não gostava de samba, Oscar era componente da bateria da Serrinha. Juntos, Yvonne e Oscar teriam dois filhos: Alfredo e Odir.

Nossa personagem diz que o marido até gostava de samba e choro. Só não topava mesmo era o ambiente de boemia. Mas não se opunha à ida da esposa aos pagodes e, às vezes, até ia junto (a contragosto, mas ia). Embora fosse trabalhador (fazia biscoitos), o sustento da casa vinha sobretudo do trabalho de Yvonne, que, além dos trabalhos de dona de casa, sempre viveu entre a profissão e o samba, mas sem se atrapalhar nas prioridades, como diz à Mila Burns: “Eu gostava de estar no meio dos sambistas, me divertia com eles, extravasava minhas tristezas. Mas era só o meu lazer e nunca deixei isso atrapalhar a profissão”. Para poder aproveitar o samba e não perder o carnaval ao lado dos companheiros de pagode, passou a programar suas férias sempre para o mês de fevereiro.

Um dos principais aglutinadores dos foliões de Madureira era o bloco Cabelo de Mana, trazido por Alfredo Costa quando ele e Dona Aracy se mudaram de Cascadura para a Serrinha, em 1926, fixando residência no Beco Sérgio Figueiredo. Era deste endereço que o bloco partia rumo ao Largo de Madureira, com seu estandarte preto e branco e um batalhão de foliões, como conta o sambista Aniceto Menezes no livro *Silas de Oliveira, do Jongo ao Samba-Enredo*, de Marília Trindade Barboza e Arthur de Oliveira Filho: “Tinha uma moçada boa: Zuza, Magno, Gabriel do Burro, Fuleiro, Décio, Claudionor da Portela, Carlinhos Bem-Te-Vi. A Serrinha era quase uma família só, como nessas fazendas. Eram todos por um, um por todos”. E foi também na casa do Beco Sérgio Figueiredo que o Cabelo de Mana foi *promovido* a Grêmio Recreativo Escola de Samba Prazer da Serrinha. Nenhuma fonte é precisa quanto à data de fundação da nova escola, mas sabe-se que a decisão de Seu Alfredo foi tomada após a vitória do Conjunto de Oswaldo Cruz (que mais tarde se chamaria Portela) no primeiro concurso de samba da história, promovido em 20 de janeiro de 1929, no terreiro do pai de santo e sambista Zé Espinguela. Além da turma de Oswaldo Cruz, participaram da tal disputa Mangueira (2º lugar) e Estácio, que foi desclassificada por ter usado instrumentos de

sopro na apresentação.

Assim, a hipótese mais provável está no livro de Marília Trindade Barboza e Arthur de Oliveira Filho (*Silas de Oliveira, do Jongo ao Samba-Enredo*), que informa que o Prazer da Serrinha teria sido fundado “logo no início da década de 30”. No livro *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro* (Sérgio Cabral), o primeiro registro que se tem da agremiação de Alfredo Costa concorrendo no desfile das escolas de samba é o ano de 1935, quando ficou em 3º lugar entre quatro concorrentes (Portela, campeã; Mangueira em segundo; e a Vizinha Faladeira em último). Nas edições seguintes, o Prazer da Serrinha manteve-se quase sempre em posições intermediárias ou, então, na segunda metade da classificação nos desfiles (15º em 1939, 17º em 1940, 12º em 1941, 16º em 1942, 11º em 1946...). Colocações que aborreciam os foliões da Serrinha, em especial os compositores, que sabiam que seus belos sambas podiam ir mais longe. Além do mais, não aguentavam mais ver os sambistas do bairro vizinho de Oswaldo Cruz festejarem os títulos da Portela. A insatisfação foi crescendo e as reclamações também aborreciam Alfredo Costa.

Até que no carnaval de 1946 deu-se a gota d’água. Usando da prerrogativa de dono da escola, Seu Alfredo desclassificou um belo samba de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola e impôs um outro, pior, composto pelo amigo Albano. “Nada de *Conferência de São Francisco*, não. Essa meninada tá muito metida a importante. Quem manda na escola sou eu!”, teria bradado Alfredo Costa, como se lê no livro de Marília Trindade Barboza e Arthur de Oliveira Filho (*Silas de Oliveira, do Jongo ao Samba-Enredo*). “Nós vamos cantar é *No Alto da Colina!*” Nem adiantou argumentar que o samba de Silas e Décio já estava ensaiado, pois a posição de Seu Alfredo – puramente política – era inabalável. A situação ficou insustentável para o grupo de insatisfeitos, que não era pequeno.

“Meu sogro era ditador mesmo”, reconhece Dona Ivone. “Só se fazia na escola o que ele queria. Tudo tinha que passar por ele, que afinal era quem botava dinheiro ali... Não tinha pra ninguém.” Segundo a compositora, Seu Alfredo também cobrava dos componentes bons modos e capricho no modo de se vestir: “Meu sogro não aceitava, quando havia festa na escola, sambista de chinelos. Tinha que estar de sapatinho, blusão limpinho. Era muito caprichoso”. Em entrevista a Sérgio Cabral, Dona Ivone conta que tinha 22 anos na primeira vez em que desfilou no Prazer da Serrinha, o que nos leva ao ano de 1944. Chegou a ensaiar para desfilhar como porta-bandeira, mas no fim das contas saiu vestida de soldadinho. Na mesma entrevista, ela conta que chegou a compor para o Prazer da Serrinha: “Eu já fazia minhas coisinhas, meus sambinhas, só que ninguém podia saber que os sambas eram meus. Não podia aparecer como compositora”.

Império Serrano

A resposta do grupo de insatisfeitos com os desmandos de Alfredo Costa no carnaval de 1946 veio pouco mais de um ano depois, em 23 de março de 1947, quando foi fundado o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano. O local de fundação – e primeira sede da nova escola – foi uma casinha na Rua Balaçada, 33, onde morava Dona Eulália, irmã mais velha de Sebastião Molequinho, João Gradim e outros grandes imperianos que deixaram pra trás o pulso de ferro de Seu Alfredo. “Mano Décio foi o último a sair. Ficou no muro...”, relembra Dona Ivone, em entrevista gravada em 2004. “Ele continuou fazendo samba pra Prazer da Serrinha e de vez em quando escapulia para ir ao Império Serrano.” A própria compositora não pôde seguir seus amigos sambistas na primeira hora, pois, além de ter entrado para a família Costa, morava numa

casa contígua à do sogro. “la ser estrangeira”, disse em entrevista a Sérgio Cabral, deixando claro que a transferência foi uma questão de tempo. “Logo depois acabou a Prazer da Serrinha e todo mundo foi para o Império.”

Dona Ivone não é precisa quanto à data em que se transferiu para a nova escola, mas não deve ter demorado muito, pois o livro de Mila Burns informa que o ano de 1947 trouxe um terceiro marco na vida de Dona Ivone, além do casamento com Oscar Costa e a formatura em Serviço Social: sua admissão na ala de compositores do Império Serrano. O primeiro samba que ela fez para a escola foi *Não Me Perguntes*, até hoje considerado um dos hinos imperianos.

Assim como fez em *Tiê*, Yvonne convidou Fuleiro para coassinar o samba, num gesto de amizade e agradecimento pelo amparo que sempre recebeu do primo entre os sambistas. Além do mais, desde os tempos de Prazer da Serrinha, Fuleiro já era respeitado como diretor de harmonia. No Império Serrano, a organização determinada por Fuleiro foi uma das peças-chave para o sucesso inicial da escola, campeã logo nos quatro primeiros carnavais, de 1948 a 51. “O Império Serrano tinha uma disciplina que nenhuma outra escola tinha. Era um negócio de impressionar!”, conta Dona Ivone na entrevista de 2004. “Tanto que o prefeito Negrão de Lima foi assistir a um ensaio do Império e saiu abismado com a ordem que aquele homem conseguia impor, com aquele apitinho de barro. Como reconhecimento, mandou de presente um apito de ouro, que Fuleiro passou a usar e depois guardou como um troféu.”

Ainda assim, o principal trunfo do Império Serrano era mesmo sua ala de compositores – setor da escola que, naquela época, ainda era capaz de decidir um carnaval. Gente inspirada como Aniceto Menezes, Nilton Campolino, Penteado, o próprio Antonio Fuleiro e Silas de Oliveira, até hoje considerado o maior compositor de samba-enredo de todos os tempos. O curioso é que Silas de Oliveira, nascido em uma família protestante, jamais teria seguido o caminho do samba se tivesse ouvido os conselhos do pai, o pastor mato-grossense José Mário de Assumpção.

Quem *desencaminhou* o rapaz foi, curiosamente, Oscar Costa – o mesmo que tinha fama de não gostar de samba e mais tarde se casaria com Yvonne. Estamos em 1935 e o relato pode ser lido no livro de Marília Trindade Barboza e Arthur de Oliveira Filho, no qual Dona Ivone Lara fala de Oscar: “Um dia, voltando para casa, viu Silas no portão e parou. O som do samba chegava-lhe até os ouvidos. Silas olhava para cima, fascinado. Depois, baixava os olhos. Oscar, compreendendo, fez o convite há muito esperado: ‘Como é, Silas, vamos até lá?’. Silas não respondeu. Começou a caminhar, ao lado do amigo... Em direção ao mundo desconhecido, aos atabaques, aos ruídos estranhos, ao samba gostoso do morro da Serrinha”.

Ao se aproximar, começou a compor e nunca mais parou: primeiro na Prazer da Serrinha, depois no Império Serrano. Entre 1951 e 1969, foram 14 hinos compostos para os desfiles imperianos, além de belíssimos sambas de terreiro, como os românticos *Meu Drama* e *Amor Aventureiro*. Outros clássicos do samba-enredo compostos por ele – ambos obrigatórios em qualquer antologia do gênero – foram *Aquarela Brasileira* e *Os Cinco Bailes da História do Rio* (com Dona Ivone Lara e Bacalhau, em 1965).

Primeira compositora de samba-enredo

Este último foi um marco tanto para Yvonne como para o próprio carnaval, que até então nunca tinha visto a assinatura de uma mulher entre os compositores de um samba-enredo. Segundo a compositora, no entanto, sua entrada na parceria foi proporcional, como mais uma novidade das tantas que o Império vinha introduzindo no carna-

val desde 1948, como timbres metálicos na bateria (agogôs, frigideiras e reco-recos), a figura do destaque (Olegária dos Anjos), um ritmista tocando pratos de bronze à frente da bateria (Calixto dos Pratos) e a primeira ala coreografada (a Ala Sente o Drama, em 1963), entre outras *novidades*. O maior incentivador da nova proposta era Fábio Mello, jornalista do Última Hora e diretor da ala de compositores da escola. Segundo Dona Ivone, ele “dizia que o Império tinha nascido lançando novidades e que gostava muito de continuar trazendo coisas novas a cada carnaval. Todo ano ele queria lançar uma coisa nova. Aquele ano, se virou para mim e disse: você vai ser a novidade. Vamos colocar uma mulher mesmo, assinando o samba ao lado dos homens”.

Os Cinco Bailes da História do Rio foi composto na casa de Silas de Oliveira, no início de 1965 – ano de comemoração do quarto centenário do Rio de Janeiro, motivo pelo qual a cidade seria o enredo de todas as escolas. Levada por Fábio Mello, Yvonne chegou à casa de Silas e encontrou o anfitrião trabalhando no samba com o parceiro Bacalhau. Os dois, no entanto, já tinham bebido demais e não estavam conseguindo ir adiante na composição. A compositora ouviu o esboço que os dois já tinham feito e cantarolou uma melodia, aprovada na mesma hora. Não participou da letra, como de costume – nunca gostou de ter que seguir sinopse, como geralmente acontece na composição de samba-enredo.

Como contou na entrevista de 2004, o esboço de *Os Cinco Bailes da História do Rio* já vinha se arrastando por alguns dias: “Silas e Bacalhau só nos pasteizinhos, na bebida... E, no dia da defesa, se esqueceram do samba... Só se lembravam da parte deles. Telefonaram para o hospital, para eu correr para a Serrinha, mas nunca que eu ia fazer aquilo! ‘Ou vocês dão um jeito de lembrar ou transfiram a apresentação do samba!’ Transferiram, graças ao Fábio Mello, que tinha ouvido o samba com as minhas intervenções e sabia que estava lindo. Quando chegou na hora da disputa, no novo dia, quem cantou o samba fui eu. Silas e Bacalhau ficaram do lado fazendo mímica”.

O Império Serrano não foi campeão em 1965 (ficou em 2º lugar, atrás apenas do Salgueiro), mas a novidade deu o que falar, como Dona Ivone contou no programa *Ensaio*, da TV Cultura: “Mangueira, Portela, Unidos de Lucas... Esse pessoal todo foi lá para conhecer a mulher que pertencia à ala de compositores e que tinha ganho samba-enredo”. Apesar do sucesso e do belo samba, Yvonne só permaneceu na ala de compositores do Império Serrano até 1968, mesmo ano em que Mestre Fuleiro deixou a direção de harmonia da escola. Não ficaria à vontade sem a chancela do primo e, além do mais, vinha se incomodando cada vez mais com a oposição de determinados grupos a Silas de Oliveira. A partir de 1968, passou a desfilar exclusivamente na ala das baianas.

Se a ala de compositores do Império Serrano não fazia questão de seus sambas, pior para a escola. Dali a pouco tempo, em 1970, Yvonne faria sua primeira gravação, no disco coletivo *Sargentelli e o Sambão*, produzido por Oswaldo Sargentelli e Adelzon Alves e lançado pelo selo Copacabana. Por iniciativa dos dois produtores, nossa personagem ganhou ali o nome artístico de Dona Ivone Lara, deixando a grafia francesa – Yvonne – para a carteira de identidade e assimilando o “Dona”. Não gostou (“Por que Dona? Ainda sou nova. Não tenho nem 50 anos...”), mas Sargentelli e Adelzon insistiram e o nome ficou. Gravado ao vivo na casa de shows Sambão, em 10 de abril de 1970, o LP contava também com as participações de Roberto Ribeiro, do conjunto Nosso Samba, de Germano Batista, entre outros. Foram dois os sambas que Dona Ivone Lara gravou no disco, ambos feitos em parceria com Mano Décio da Viola: *Sem Cavaco Não* e *Agradeço a Deus*. A segunda vez em que gravou em disco foi em 1974, em outro projeto coletivo de Oswaldo Sargentelli e Adelzon Alves: LP *Quem Samba fica? Fica* (Odeon). Neste, Dona Ivone gravou seu samba inaugural *Tiê* (com Fuleiro e Tio Hélio) e, novamente, *Agradeço a Deus* (com Mano Décio da Viola).

Em 1972, Dona Ivone chorou a morte do parceiro Silas de Oliveira, falecido enquanto participava de uma roda de samba no clube ASA, na Rua São Clemente, em Botafogo, promovida pelo compositor Mauro Duarte. Cantava *Os Cinco Bailes da História do Rio* no momento em que sofreu o infarto fulminante. Incomodado com o estado em que Dona Ivone ficou após a morte do amigo, chorando copiosamente, o marido Oscar chamou o jovem compositor Dêlcio Carvalho para uma conversa em particular: “Ô, Dêlcio, não sei o que vai ser dela, cheia de melodias sem ninguém para pôr a letra. Agora, sem o Silas, vai ficar tudo muito triste. Você bem que podia passar lá em casa para conversar com ela um pouco, né? Soube que você anda escrevendo uns sambas bonitos demais. O que você acha?”.

O marido de Dona Ivone – aquele mesmo que tinha fama de não gostar de batucada, mas na década de 30 trouxe Silas de Oliveira para o samba – deixou outra grande contribuição para a música popular brasileira: Dêlcio se tornaria o principal parceiro de Dona Ivone Lara. Natural de Campos (RJ), Dêlcio também vinha de um ambiente musical: seu pai era músico da banda Lira do Apolo, da cidade do norte fluminense. Quando Seu Oscar apadrinhou a parceria com Dona Ivone, ele já era integrante da ala de compositores do Império Serrano desde 1970. O samba inaugural da parceria entre Dona Ivone e Dêlcio foi *Derradeira Melodia*, pouco depois da morte de Silas. Em seguida fizeram *Alvorecer*, primeiro sucesso dos dois juntos, em gravação de Clara Nunes lançada no ano de 1974 (num LP chamado *Alvorecer*). Entre as 52 parcerias de Dona Ivone e Dêlcio gravadas até hoje estão os principais sucessos das carreiras dos dois, como *Sonho Meu*, *Acreditar*, *Alvorecer*, *Minha Verdade*, *Nasci pra Sonhar e Cantar*, *Sereia Guiomar*, *Sorriso de Criança*, *Candeeiro da Vovó*, *Liberdade* e *Nos Combates Desta Vida*.

Em 1975, Dona Ivone ficou viúva: Seu Oscar sofreu um infarto fulminante, aos 52 anos. Pouco antes, o filho do casal, Odir, tinha sofrido um acidente grave de carro, caindo do viaduto da Perimetral, na zona portuária. Chegou a ser dado como morto. Passou 45 dias em coma e só seria salvo com cirurgias realizadas pelo Dr. Paulo Niemeyer. Mas a morte de Oscar se deu antes disso, quando Odir ainda estava em coma. Acredita-se que o estado de tensão vivido pela família foi decisivo para a morte de Oscar. “Foi uma época de muita tristeza e só a música trazia inspiração mesmo”, contou Dona Ivone a Mila Burns. “O Dêlcio fazia letras tristes, porque olhava para mim e sabia o que eu estava querendo dizer com as melodias que escrevia.” Aposentado por invalidez desde o acidente, Odir morou com Dona Ivone até falecer, por complicações decorrentes de diabetes, em 2008. Já o outro filho, Alfredo, é casado com Eliane, tem 62 anos e dois filhos: Jorge Augusto e André Luiz – que trabalha como *personal trainer* e, nas horas vagas, toca banjo e cavaquinho. É parceiro da avó em sambas como *Investida Fatal*, também em parceria com Bruno Castro, lançado em 2006 pelo Quarteto em Cy.

Aposentadoria e sucesso

Embora já tivesse feito as primeiras gravações e se apresentado num show, só quando se aposentou, em 1977, aos 56 anos, passou a se dedicar somente à carreira musical. O ano seguinte marcou o estouro de seu primeiro grande sucesso (*Sonho Meu*, em parceria com Dêlcio Carvalho, gravado por Maria Bethânia) e o lançamento de seu primeiro LP, pela EMI-Odeon: *Samba Minha Verdade*, *Samba Minha Raiz*. Em 1980, emplacou outro grande sucesso na voz de Bethânia, que gravou *Alguém Me Avisou* com o irmão Caetano Veloso e com Gilberto Gil.

Quando perguntada sobre a atividade de compor, Dona Ivone Lara contou: “Eu sempre

fui uma compositora intuitiva. Até dormindo eu fazia samba. Aquela melodia ficava ali e quando eu acordava já estava com o samba todinho no meu cérebro. Nem precisava de gravador. Aí, eu botava letra ou então telefonava para um parceiro e passava a melodia por telefone”. Um dos sambas nascidos durante o sono foi *Sonho Meu*, seu maior sucesso, como ela relata no mesmo depoimento: “Aquilo foi um sonho que eu tive. Fiquei com aquela melodia um tempão, cheguei a botar uma letra, mas não gostei. E a melodia continuou comigo, até que entreguei ao Dêlcio, com uma única exigência: que você ponha é ‘Sonho meu, vá buscar quem mora longe, sonho meu...’ E o Dêlcio fez a letra que todos conhecem. Ele tem muita facilidade de botar letra...”.

Já o samba *Mas Quem Disse Que Eu Te Esqueço*, em parceria com o poeta e produtor Hermínio Bello de Carvalho, nasceu durante uma das turnês que fez com o Projeto Pixinguinha: “Eu estava em Brasília. O Hermínio já tinha tomado uns uísques. Trouxe um papel grande, todo cheio de versinhos e me disse: ‘Parceira, bota uma música aqui para mim...’ Na hora eu chiei: ‘Mas é assim que você me entrega sua letra, um papel cheio de versos, do princípio ao fim?’ E ele me acalmou: ‘Ah, escolhe aí!’ Fiquei lendo aquilo de tarde... Gostei muito da frase ‘Mas quem disse que eu te esqueço’. Depois é que botei a música. Não tinha gravador, mas naquela época a cabeça ainda estava boa. À noite, cheguei com o samba: ‘Está pronto!’ Ele ficou admirado. Em seguida, fui viajar para Canela (RS) com a Nana Caymmi, que me pediu para cantar o samba que tinha acabado de fazer com o Hermínio. Cantei acompanhada do Cláudio Nucci, que na época era marido dela. Ela adorou. E fez a primeira gravação de *Mas Quem Disse Que Eu Te Esqueço*. Depois, vieram Paulinho da Viola, Beth Carvalho... Me amarrei nesse samba”.

Depois de *Samba Minha Verdade*, *Samba Minha Raiz*, vieram outros nove discos solo, a saber: *Sorriso de Criança* (EMI-Odeon, 1979); *Sorriso Negro* (WEA, 1981); *Alegria, Minha Gente* (Serra dos Meus Sonhos Dourados) (WEA, 1982); *Ivone Lara* (Som Livre, 1985); *Bodas de Ouro* (Sony Music, 1998); *Nasci pra Sonhar e Cantar* (Natasha, 2001); *Sempre a Cantar* (Universal Music, 2004); *Canto de Rainha* (Universal Music, 2009); e *Nas Escritas da Vida* (independente, 2010), este último só de parcerias com Bruno Castro – seu parceiro mais constante recentemente – e o neto André Lara. A partir do fim da década de 1990, participou também de projetos coletivos, como *Pirajá – Esquina Carioca* (Dabliú Discos, 1999), *Os Meninos do Rio* (Carioca Discos, 2000) e *Clássicos do Samba* (Eldorado, 2001). Em 2002, o pianista Leandro Braga dedicou um CD inteiro a sua obra: *Primeira Dama – A Música de Dona Ivone Lara*, lançado pela Carioca Discos.

Dona Ivone Lara foi homenageada também na edição 2010 do Prêmio de Música Brasileira (antigo Prêmio Tim, que já foi também Prêmio Sharp). Na cerimônia de entrega dos troféus, realizada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, um espetáculo dirigido por Rildo Hora reuniu artistas da música popular brasileira para interpretar sambas de Dona Ivone, como Caetano Veloso, Maria Gadú, Lenine, Roberta Sá, Arlindo Cruz, Dêlcio Carvalho, Ana Costa, Nilze Carvalho e o grupo Casuarina, entre outros.

* Pedro Paulo Malta é músico, jornalista e pesquisador de música popular brasileira. Foi consultor da série *Pequenos Notáveis*, produzida pela MultiRio, que mostra a vida e a obra de grandes compositores brasileiros a fim de inspirar crianças de 9 a 14 anos a descobrir suas aptidões.